MOBÍLIA E SALA DE VISITA: ANALISANDO O PROCESSO CIVILIZADOR A PARTIR DOS OBJETOS DOMÉSTICOS DAS FAMILIAS ABASTADAS DE FORTALEZA (1871-1910).[1]

Luã Rodrigues Lopes[*]

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é estudar a inserção das cidades do Ceará na Cultura Capitalista em mundialização. A presente pesquisa se insere na temática Produção e Consumo de Objetos Domésticos e nossas preocupações são com os objetos domésticos da sala de visita. Especificando nosso objeto de estudo, é a incorporação de uma cultura capitalista refletida em diferentes salas de estar, das famílias fortalezenses, com seus objetos domésticos. O recorte temporal se situa entre os anos de 1871 a 1910.

Palavras-chave: Cultura Capitalista; mundialização; Produção e Consumo; Objetos Domésticos.

ABSTRACT

The objective of this research is to study the insertion of the cities of Ceará in Capitalist Culture into globalization. The present research is inserted in the Production and Consumption of Household Objects theme and our concerns are with the domestic objects of the visiting room. Specifying our object of study, is the incorporation of a capitalist culture reflected in different living rooms, the families of Fortaleza, with their household objects. The temporal cut is between the years of 1871 to 1910.

Keywords: Capitalist Culture; globalization; Production and Consumption; Household items.

[1] O presente trabalho nasceu do Projeto de Pesquisa "Capitalismo e Civilização nas Cidades do Ceará (1860-1930)", aprovado na chamada pública MCT/CNPQ/CAPES – Ação Transversal nº 06/2011 Casadinho/PROCAD processo 552714/2011-9. A pesquisa é organizada pelo Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas, do Mestrado Acadêmico em História e Culturas (MAHIS), da Universidade Estadual do Ceará (UECE).
[*] Mestrando Acadêmico em História e Culturas – MAHIS/UECE; membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas – MAHIS/UECE.

Introdução

Esse trabalho faz parte de um projeto maior intitulado "Processo Civilizador Capitalista e Tradução Civilizacional no Ceará" (1860-1930), do Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas. O objetivo do projeto é estudar uma possível tradução civilizacional, realizada pelas cidades do Ceará, do processo civilizador capitalista. Esse projeto está dividido em 6 eixos: Governamentalidade e Controle Social, Práticas Letradas e Urbanidades, Hábitos e Costumes, Comida e Alimentação e Produção e Consumo de Objetos Domésticos. O presente artigo se insere nesse último eixo e nossa preocupação é perceber uma tradução[2] civilizacional através do consumo de objetos domésticos.

Assim, temos como objetivo perceber e refletir sobre uma maior inserção da cidade de Fortaleza no processo civilizador capitalista[3], através do consumo e da utilização de determinados objetos domésticos. Os artefatos analisados são os importados da Europa que estavam presentes nas salas de visita das famílias[4] abastadas[5] de Fortaleza. É estudando a vida material[6] da sociedade fortalezense que percebemos as alterações sociais, econômicas e culturais que acompanharam o processo de urbanização/civilização da cidade, entre 1871-1915.

Essa vida material posta em debate não se restringe em seus aspectos físicos, pois é através dela que também percebemos a vida familiar, as diferenças e semelhanças entre o público e o privado e os modos de vida dessa sociedade em foco. O que realizamos é o estudo da cultura material relacionada com o cotidiano[7], com a vida privada e com as mentalidades. O objetivo é mostrar o sentido simbólico[8]desses produtos, e não fazer apenas um levantamento de artefatos e produtos de épocas passadas. Colocamos essas mercadorias em uma rede[9] produtiva e com isso analisamos a circulação, o consumo e a utilização simbólica desses produtos.

É necessário salientar o contexto histórico em que a província cearense estava inserida durante a segunda metade do século XIX. Acreditamos que durante esse período a economia do estado do Ceará se desenvolveu bastante devido a vários motivos, sendo que o principal foi o aumento da sua produção e venda algodoeira, já que o concorrente do Brasil, os Estados Unidos estavam envolvidos na Guerra de Secessão. Principalmente a partir de 1860, quando notamos

---

[2] Ver BURKE, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
[3] Ver ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar ed. , 1994.
4 Realizamos o levantamento, no Arquivo Público do Ceará, dos inventários de algumas famílias abastadas do período em foco (Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877. Inventario de José Luis Machado, Fortaleza. 1916. Inventário de Visconde e Viscondesa de Cahype. Fortaleza, 1877.Inventário do Barão de Santo Amaro Fortaleza, 1877).
[5] Ver HEINZ, Flávio. In: Por outra história das elites. Rio de janeiro: Editora FGV, 2006.
[6] Ver BRAUDEL, Fernand. In: Civilização Material , economia e capitalismo séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
[7] Ver DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1995.
[8] Ver BOURDIEU, Pierre. O Poder simbólico. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
[9] Ver HILBERT, Klaus. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. In: Revista Métis: história & cultura. Vol.8. nº 16, p. 11-25, jul./dez. 2009.

Fortaleza se tornar um centro econômico da província cearense[10]. Com isso vem um grande desenvolvimento capitalista para a mesma, desenvolvimento no sentido urbanístico, embelezamento da cidade, no sentido econômico, construções de varias linhas férreas para ligar a economia da capital com outros “polos industriais do estado” e a chegada de várias casas comerciais estrangeiras na província que deram uma modificação econômica e cultural[11].

Essas casas comerciais eram principalmente de origem francesa, inglesa, suíça e alemã. Contabilizavam em 353 estabelecimentos comerciais na cidade de Fortaleza durante esse período estudado, desse número 84 eram estrangeiras, nos mostrando uma grande quantidade de “firmas” estrangeiras, percebendo que fazia pouco tempo da abertura dos portos, que vendiam diversos tipos de produtos internacionais na capital cearense. Acreditamos que esses produtos importados foram responsáveis no sentido de influenciar culturalmente a sociedade fortalezense. Com o objetivo de se inserirem nesse processo modernizador as famílias abastadas realizavam o consumo desses artefatos domésticos. Os tipos de casas comerciais e produtos vendidos por esses estabelecimentos eram diversos: produtos de primeira necessidade, oficinas de sapateiros, mobílias, alfaiates, ourives e funileiros, comércio de sapatos, roupas, fazendas, armazéns, açougues, boticas de medicamentos, fábricas de sabão, selas, charutos e chapéus[12].

Se o processo civilizador transformou a cidade de Fortaleza do ponto de vista econômico, urbano, arquitetônico, intelectual, seus impactos foram percebidos também no interior das residências. Se Roberto da Matta define a casa como sendo:

> Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.[13]

Nossa perspectiva é que a casa é o lócus em que se deu e se dá a interiorização do processo civilizador capitalista. É no seu interior, com as relações com os indivíduos entre si (que fazem parte da família e os que fazem parte do círculo de amizades e interesses dela), entre os indivíduos e os objetos (móveis, aparelhos de toda a sorte para o uso pessoal, como escarradeiras, louças, vestimentas para os momentos adequados, as várias refeições etc.) que esse processo toma sua forma nos centros urbanos. É nesse sentido que estamos pensando a casa.

---

10 Ver PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Epoque –reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fudação Demócrito Rocha/Editora Ltda., 1993.
11 Ver NOBRE. Geraldo da Silva. Associação Comercial do Ceará. Ceará. Ed. Stylus, 1991.
12 VerTAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: Origens do capital estrangeiro no Brasil. NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
13 DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991. P. 8.

No entanto, a casa, com seus objetos e seus símbolos, não representa um conjunto uniforme, pois o capitalismo produz objetos para cada um de seus compartimentos: objetos para a cozinha, objetos para os quartos, objetos para o banheiro, objetos para sala de visita. A relação com cada objeto representa um comportamento. No nosso artigo não nos interessa nos remetermos a cada ritual e objetos específicos de cada compartimento. Por isso nossa análise se focará sobre a ritualística de interiorização e a distinção estabelecida através da posse dos objetos da sala de visita.

Buscando relacionar as fontes utilizadas com os conceitos que permeiam a pesquisa dividimos o presente artigo em três partes: A primeira, intitulada "O "gosto burguês de morar": transformações, modernidade e refinamento na sala de visita", buscaremos compreender, como o processo civilizador capitalista modificou as residências das famílias; o segundo chamado "A sala de visita nos inventários cearenses: mobiliário e sua utilização social no cotidiano", tem como finalidade analisar os inventários das famílias e mostrar quais eram os objetos importados que definiam a inserção nesse processo; e por último a parte denominada "O Cosumo de Uma Cultura": anúncios e leilões de artefatos domésticos", nesse tópico buscou-se entender como era realizado o consumo dos objetos importados, seja através das casas comerciais ou de leilões.

O "Gosto Burguês de Morar": Transformações, Modernidade e Refinamento na Sala de Visita

Acreditamos ser necessário analisarmos como a sala de visita entrou em transformação através da chegada das casas comerciais que trouxeram consigo inúmeros objetos importados da Europa; como esse compartimento da casa representa a inserção de Fortaleza no processo civilizador. Mas antes de falarmos especificamente da sala de visita, acreditamos ser necessário fazer um breve comentário sobre a constituição das residências e suas complexidades.

A casa além de ser um objeto físico e concreto destinado a moradia, ela também se revela através da cultura material pelos seus móveis, cor das paredes, nos objetos de decoração e, com isso, acaba mostrando de certa maneira a personalidade e a maneira de ser dos seus habitantes. É essa moradia que vai desvendar as manifestações cotidianas, os costumes de seus residentes, a maneira como os residentes dormem, comem, nascem, se vestem e todas as outras cenas da vida privada das pessoas. A residência familiar, durante o passar do tempo, acabou se transformando em um espaço destinado ao íntimo, no qual o homem desenvolve uma série de atividades relacionadas à sobrevivência e à manutenção do corpo e do espírito. Portanto, essa casa da modernidade deixou de ser somente um abrigo e passou a ser uma representação do estilo de

vida de uma sociedade capitalista, pois esse estabelecimento demonstra cada vez mais uma característica principal do Capitalismo que é a individualidade[14]. Característica essa que percebemos nas moradias através da busca das famílias pela privacidade, conforto, necessidade de separação entre o público e o privado e o isolamento.

Durante o século XVIII e XIX as habitações burguesas sofreram um processo de compartimentação do espaço doméstico, ou seja, é notório verificarmos que durante esse período estudado surgiram nas habitações quartos separados para pais e filhos, demarcações entre os locais onde se cozinhava e o local onde se comiam[15]. Essas transformações modificaram a casa tanto no âmbito arquitetônico como também na utilização de mobílias. É esse gosto burguês europeu de morar que vai atravessar o Atlântico, através dos meios de comunicações existentes na época, dos viajantes estrangeiros que habitavam no Brasil e também pelas casas comercias que faziam residências no nosso território, e entrar nas habitações das famílias brasileiras.

As famílias abastadas passaram a orienta-se, cada vez mais, pelas práticas e comportamentos da burguesia europeia, industrializada, comerciante e tecnologicamente desenvolvida, vinculando-se culturalmente à França, à Inglaterra e à Alemanha. O processo de influência europeia no Brasil ocorreu em dois momentos: no primeiro momento o Brasil foi bastante influenciado pela cultura ibérica, esse processo vai até a metade do século XIX. No segundo momento o Brasil vai sofrer uma reeuropeização por conta da influência da Inglaterra, da França e da Alemanha, esse segundo processo vai se prolongar até o final da escravidão e o fim do Império. O autor Brasilio Sallum Jr. faz um breve comentário na obra "Introdução ao Brasil. Um banquete nos trópicos." Sobre essa questão de reeuropeização utilizada por Gilberto Freyre em "Sobrados e Mucambos":

> O ponto central aqui é que, para Gilberto Freire, essa reeuropeização impôs, este é o termo que usa, uma série de atitudes morais e padrões de vida que, espontaneamente, não teriam sido adotados pelos brasileiros. Isso significa que, para ele, as mudanças sociais ocorridas no sistema patriarcal no século XIX não podem ser atribuídas apenas a diferenciação interna do sistema econômico e social, mas também a impulsos transformadores vindos de fora, da Europa que se aburguesava e se industrializava.[16]

É precisamente nesse segundo período de influência europeia durante o final do século XIX que vamos notar a modificação nas mobílias das residências brasileiras. Essa mobília cada vez mais possuía um estilo europeu, inicialmente importada, com o passar do tempo foram pegando uma forma brasileira. Vemos a utilização de móveis mais modernos, buscando adaptá-

---

14 Ver SENNET, Richard. O declínio do homem público. As tiranias da intimidade. 5. Reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
15 Ver HALL, Catherine, Swett home. In: PERROT, Michelle. História da vida privada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. (V.4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra).
16 MOTA, Lourenço Dantas (organizador). Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico. 3º Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. P. 347)

los aos nossos costumes e ao nosso clima. Os estilos dessas mobílias auxiliaram na construção de uma imagem de sobriedade e frescor, representando o gosto europeu abrasileirado. Esse abrasileiramento ocorrido na mobília estrangeira é bem relatado na obra “Ingleses no Brasil” do autor Gilberto Freire:

> Essas linhas anglicanamente secas de móvel aparecido no Brasil no tempo de Dom João regente, diz-nos o Sr. Ribeiro de Lessa que com “o tempo e o capricho dos marceneiros” foram por aqui se modificando. É assim que “os mestres brasileiros foram se abrindo, ao longo dos contornos dos móveis, cordões semicilíndricos, e nos cantos, quadrínculas piramidadas”. A Inglaterra modificando-se no Brasil. O estilo inglês de móvel arredondando-se no clima brasileiro. Vários dos “móveis ingleses” que apareceram nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX talvez fossem já fabricados aqui, tendo de inglês apenas o estilo. E este modificado pelo “capricho dos marceneiros”, quase todos, naqueles dias, mulatos ou franceses, inimigos das linhas secas e amigos das curvas femininamente graciosas ou barrocas.[17]

Nas moradias brasileiras do século XIX identificamos a existência de três espaços distintos para a execução das atividades familiares. Uma parte da casa destinava-se ao convívio com pessoas não pertencentes à família, eram os espaços públicos, salas de visita, de jantar, a sala de música, de jogos, a varanda, o alpendre, os oratórios e escritórios poderiam ser classificados como um espaço situado entre o público e o privado. O quarto de dormir e as alcovas eram destinados à intimidade. O terceiro ambiente era destinado às atividades cotidianas e de funcionamento do lar e compreendia os quartos de costura, salas de almoço e cozinha, espaços de concentração dos trabalhos caseiros, a costura e a culinária[18].

Dentro desses três espaços distintos da casa estava a fonte de nosso estudo, ou seja, a sala de visita, o compartimento da casa que é responsável pela ligação entre dois lugares tão antagônicos, que são a casa e a rua. Esse compartimento não representa apenas um espaço geográfico, mas sim uma esfera social, cultural e econômica de uma família, ou até mesmo de uma sociedade. Os objetos inseridos na sala de visita nos permitem o estudo de uma cultura material capaz de nos mostrar relações sociais, estilos de vida, diferenciações sociais e o tipo de cultura que está inserida nas casas cearenses daquela época. Esse compartimento da casa é um ambiente que muito se apresenta como cartão de visitas da casa. É o lugar onde se procura fazer uma decoração atrativa e sofisticada, expondo móveis e objetos de forma que demonstrem a distinção da riqueza familiar. Este cômodo se comunica com quase todos os outros locais da casa e é o local de recepção e lazer.

---

17 FREIRE. Gilberto. Ingleses no Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Tabooks, 2001. P. 228.

18 Ver ABRAHÃO, Eliane Morelli. Mobiliário e utensílios domésticos dos lares campineiros (1850-1900). Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2008.

As mudanças ocorridas no ambiente doméstico fortalezense durante a expansão do capitalismo se refletiam em muitos locais das residências, mas a sala de visita representa o "coração" do lar, o lugar que distinguia a riqueza familiar. Por ser um espaço constantemente arrumado, limpo, decorado e cuidado, fazemos da sala o principal marco para entendermos a inserção de Fortaleza no processo civilizador que tinha como característica o modo de vida "moderno".

A mobília da casa era arranjada tanto no aspecto de fazer com que o proprietário tivesse boa acomodação e também no aspecto de demonstrar luxo, ou seja, transmitir certa hierarquia social. A vontade de querer, cada vez mais, juntar esses dois aspectos fez com que o arranjo dos objetos se modificasse com o passar do tempo, pois veremos que no passado os objetos dos cômodos das casas tinham um caráter mais funcional e bem definido.

Os objetos colocados na sala de visita, durante o período estudado, funcionavam como elementos de diferenciação social nas residências fortalezense. As salas tinham que estar bem decoradas e terem um bom serviço de mesa, café e chá, ou seja, a sala de estar tinha que corresponder à riqueza de seus proprietários. Os artefatos domésticos colocados na sala de visita tinham que ser os melhores e os mais caros, pois esse compartimento era local de receber os convidados e de se expor para a sociedade. É fácil notar quais os objetos estavam presentes na sala de visita através da literatura cearense, como nos diz Adolfo Caminha em seu romance A Normalista:

> Fazia gosto a sala de visita, forrada a papel-veludo claro com ramagens cinzentas, mobiliada com inexcedível graça, sem ostentação, sem luxo, mas onde se notava logo certa correção no arranjo dos móveis, na colocação dos quadros, na limpidez dos cristais. Ao fundo entre as duas portas altas e esguias que diziam para interior da casa, ficava o piano, um Pleyel novo, muito lustroso, sempre mudo, sobre o qual assentavam estatuetas de biscuit. A direita, descansando sobre grandes pregos dourados, o retrato a oléo do coronel com sua barba em ponta, olhava para o piano, muito serio, em simetria com o da esposa[19]

A forma como os objetos eram colocados na sala se referiam muito a um caráter de distinção e hierarquia. A mobília em sua maioria era de jacarandá, principal madeira utilizada na época, e havia cadeiras para todos os convidados. O arranjo dos móveis era colocado em U, poltrona com braços para o chefe da casa, ladeado pelo sofá canapé ou cadeiras de palhinha sem braços, encontramos também sofás e cadeiras dispostas lado a lado em duas fileiras paralelas e, na extremidade, a cadeira com braço indicava a posição a ser ocupada pelo chefe de família, que teria ao seu lado a companhia da esposa.

O canapé tinha presença obrigatória na sala de visita. Completava o mobiliário as cadeiras de palhinha, mesa de centro com pés torneados, as mesas de canto, logo na entrada da sala um cabide, muitas vezes com espelho onde se colocavam os chapéus, bengalas e guarda-

[19] CAMINHA, Adolfo. A Normalista. Fortaleza, ABC, 1999. P. 37.

chuvas. O relógio colocado na parede, as cortinas com tecidos estrangeiros e os oratórios com imagens de devoção católica completava essa sala de estar. Nas residências fortalezenses durante o século XIX percebemos uma grande modificação no cotidiano da sociedade, pois se na primeira metade do século notamos uma influência portuguesa, na segunda metade vamos verificar através do comércio uma influência francesa e inglesa. Analisamos essa influência cultural nos objetos da sala de visita, pois a partir da segunda metade do século XIX a maioria da mobília era de origem francesa ou inglesa. Como vemos no inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello:

> MÓVEIS: uma mobília francesa composta de desoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois conçollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e ciquenta mil reis que vai a margem 150.000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000. Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinqüenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por dusentos mil reis que sai a margem 200.000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de jedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000. Um guarda-vestido de amarillo avaliado por trinta mil reis que vai a margem 30:000. Um guarda-roupa de angico para homem avaliado por vinte e cinco mil reis que vai a margem 25:000. Um armário de sedro, pequeno avaliado por dês mil reis, que vai a margem 10:000. Dois guardas-louças de sedro, ambos avaliados por vinte e cinco mil reis, que vai a margem. Nove cadeiras de faia usada avaliadas por nove mil reis que sai a margem 9:000. Uma secretária avaliada por vinte mil reis que vai fora 20:000. Quatro jarros de porcelana para flores avaliadas por dez mil reis que vai fora 10:00. Um relógio montado em mármore para cima de mesa, avaliado por vinte mil reis que vai a margem 20:000. Dois espelhos com moldura e vidros de crystal, avaliados por cincoenta mil reis que vai fora 50:000.[20]

Esses objetos de origem francesa mostram muito bem a relação da chegada de casas comerciais estrangeiras ao estado do Ceará com a modificação da sala de visita dessa sociedade cearense. Verificamos a utilização desses objetos estrangeiros nas residências, até mesmo da camada mais pobre da sociedade, pois estes através de suas maneiras e possibilidades financeiras tentavam se adequar ao capitalismo que estava se expandindo na província alencarina.

Portanto, com a chegada das casas comerciais estrangeiras aumentou o comércio tanto de exportação de matérias primas para a Europa como de importação de manufaturas na província do Ceará. A entrada desses produtos modificou tanto a sala de vista das famílias fortalezenses e como consequência seu cotidiano também. Essas transformações poderá ser melhor compreendida no tópico a seguir, onde buscou-se analisar os inventários de determinadas famílias percebendo os objetos que representavam status social e como eles eram utilizados nos diversos rituais de sociabilidade da sociedade.

---

[20] Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.

A Sala de Visita nos Inventários Fortalezenses: Mobiliário e sua Utilização Social no Cotidiano

O objetivo desse tópico é analisar os inventários de famílias fortalezenses, procurando perceber que móveis estavam presentes nas salas de visita durante o período estudado, se eram os mesmos objetos utilizados nas salas de outros estados brasileiros, que tipo de materiais constituía esses objetos, se esses eram em sua maioria importados ou da própria região, se a maior parte da população estava à margem desses objetos, como se davam as relações de sociabilidade e de sensibilidade dos anfitriões e dos visitantes com esses objetos e paralelo a esses objetivos aos poucos vamos construindo e formando a sala de visita com seus respectivos objetos e com as singularidades de seu tempo e espaço.

O primeiro ponto é a obtenção desses objetos através dos inventários post-mortem. Mas antes de fazermos um estudo sobre esses objetos obtidos através dos inventários, falaremos sobre as vantagens e desvantagens de trabalhar com esse tipo de fonte. Os inventários revelam o cotidiano das famílias cearenses do período estudado, pois essa fonte nos permite conhecer a cultura material do espaço doméstico, a vida privada dos inventariados e seus descendentes, bem como a riqueza e a pobreza dos proprietários, nos revelam os laços existentes entre a família, a comunidade local e o espaço no qual estava inserida. Embora estejamos cientes das dificuldades que essas fontes possuem, pois além de serem criados para ressaltar os objetos da casa, os inventários em determinada época só eram produzidos por quem possuísse um bom recurso econômico e sempre era elaborado por familiares mais próximos.

Através dos inventários post-mortem nos é permitido observar a realidade material e simbólica da família em foco, o espaço interno das moradias urbanas de Fortaleza, os objetos que estavam presentes nas salas de visita e também percebemos a importância do espaço doméstico como objeto de pesquisa e análise.

Alertamos também que a ausência de alguns objetos nos inventários pode indicar a escassez desse objeto na sociedade. Pode também sinalizar que, ao possuir valor irrisório, não havia necessidade de mencionar o artefato. Um bom exemplo são os produtos fabricados na região, pois eram desvalorizados, diferente dos produtos importados, que os inventariantes faziam questão de colocar e dizer sua origem e preço. O que notamos com clareza na análise desses inventários é a necessidade da descrição de objetos estrangeiros, já que nesse período do final do século XIX, devido à presença de muitos estrangeiros na região e a chegada de várias casas comerciais, a sociedade cearense possuía uma necessidade de valorização dos costumes franceses, austríacos e ingleses. Essa mobília estrangeira fica fácil de perceber no inventário de José Luis Machado, feito pela inventariante e esposa Dona Carlota Maria Machado:

> Declarou o procurador do inventariante que por morte do inventariado ficaram os seguintes bens: um piano uzado avaliado pelos avaliadores em cincoente mil reis. Uma mobília austríaca meio uzada avaliada em cincoenta mil reis. Um toilet avaliado em cem mil reis. Um guarda- louça pequeno avaliado pelos avaliadores em vinte cinco mil reis. Um guarda-roupa avaliado em cento e cincoenta mil reis. Uma mesa para jantar, já uzada, avaliada em vinte mil reis. Uma mesa pequena para escrever avaliada em dez mil reis. Um baú avaliado em cinco mil reis. Duas commodas, avaliadas a quinze mil reis, cada uma, importando em trinta mil reis. Dois bancos de encosto avaliados a cinco mil reis, cada um, importando em dez mil reis. Duas carroças para buros com arreios avaliados por duzentos e quarenta e cinco mil reis.[21]

A obtenção de objetos através dos inventários era realizada através de heranças, já que todos os bens do inventariado ficavam para o parente mais próximo, que na maioria das vezes eram os filhos. Quando tivesse mais de um filho os bens eram repartidos entre estes. O inventariante fazia questão de descrever todos os bens do inventariado, que eram os bens de raiz, escravos, gados, ações, prata e ouro, dinheiro e dívidas ativas. Ele não podia deixar de declarar nenhum bem, e fazer o juramento de que declarou.

Na primeira parte do inventário estavam as declarações feitas pelo inventariante de todos os bens ficados pelo inventariado, na segunda estavam as análises feitas pelos avaliadores dos valores dos bens deixados com o total em número de reis e na última a partilha dizendo que bens seriam deixados para cada herdeiro. Os avaliadores e partidores eram avaliados pelo juiz de órfão, ou quem estava a cargo, mas também podia ser indicada pelo inventariante, geralmente os primeiros indicavam alguma pessoa do conselho, e estes últimos pessoas de confiança.

Assim, os inventariantes faziam a declaração de bens e os avaliadores informavam os respectivos valores para cada bem declarado e também fazia seu juramento de que havia avaliado o bem em sã consciência e dado o merecido valor aos bens. Era o juiz quem avaliava os juramentos, declarações e avaliações, dando seu parecer final sobre a partilha.

Os inventários trabalhados neste artigo são: Antônio Franco Rabelo, Thomas Pompeu de Souza Brazil, Maria Julia Alves de Amaral e José Correia do Amaral, Visconde e Vicondesa de Cahype, Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello e o Barão de Santo Amaro. Todos esses inventários estão presentes no Arquivo Público do Ceará na sessão intitulada de Cartório dos Órfãos. A princípio da pesquisa logo verificamos a dificuldade de se trabalhar com esse tipo de fonte, além das dificuldades levantadas anteriormente, pois de uma vasta população existente em Fortaleza só encontramos algumas famílias da cidade registradas nesses inventários. Desde já adiantamos que em sua maioria eram famílias abastadas, e dessas registradas percebemos uma pouca descrição dos objetos. O objetivo aqui é que essas famílias estudadas representem uma camada específica das famílias cearenses desse período, caracterize

[21] Arquivo Público do Ceará, COF. Inventario de José Luis Machado, Fortaleza. 1916.

os objetos utilizados por essas famílias e que através dessas seis famílias conseguiremos compreender o resto da sociedade, com suas semelhanças e diferenças, ou seja, através do micro compreenderemos o macro.

Ao analisarmos esses inventários percebemos que só quem os realizavam eram pessoas que possuíam dinheiro, é tanto que na avaliação dos seis inventários localizamos inventariados com títulos nobiliárquicos ou pessoas renomadas no campo político ou acadêmico. O grande motivo disso era que para se elaborar um inventário era preciso ter dinheiro e ao mesmo tempo só era necessário a realização do mesmo se a família tivesse bens para deixar para os herdeiros.

Como já foi dito no presente artigo, a sala de visita era a ligação entre a casa e a rua, entre o público e o privado, ou seja, era o espaço reservado à recepção de pessoas. Por isso nesse lócus era necessário estarem presentes os objetos mais luxuosos da casa. O primeiro artefato a ser analisado aqui, que estava presente na sala de visita, eram os canapés ou escabelo. Esse objeto era um assento comprido com costas e braços geralmente produzidos com madeira de jacarandá. Determinado móvel encontra-se presente em todos os inventários em estudo que se preocuparam em descrever a sala de visita. Assim notamos no inventário de Antônio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello:

> uma mobília francesa composta de desoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois conçollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e ciquenta mil reis que vai a margem 150.000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000. Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinqüenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por dusentos mil reis que sai a margem 200.000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de cedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000. Um guarda-vestido de amarillo avaliado por trinta mil reis que vai a margem 30:000. Um guarda-roupa de angico para homem avaliado por vinte e cinco mil reis que vai a margem 25:000. Um armário de cedro, pequeno avaliado por dês mil reis, que vai a margem 10:000. Dois guardas-louças de cedro, ambos avaliados por vinte e cinco mil reis, que vai a margem. Nove cadeiras de faia usada avaliadas por nove mil reis que sai a margem 9:000. Uma secretária avaliada por vinte mil reis que vai fora 20:000. Quatro jarros de porcelana para flores avaliadas por dez mil reis que vai fora 10:00. Um relógio montado em mármore para cima de mesa, avaliado por vinte mil reis que vai a margem 20:000. Dois espelhos com moldura e vidros de crystal, avaliados por cincoenta mil reis que vai fora 50:000. [22]

[22] Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.

O casal de inventariado era filho e nora do Barão de Santo Amaro e realizaram o inventário com objetivo de deixar seus bens para seus três filhos: D. Firmina, de 18 anos; D. Maria, de 17 anos; D. Estephania, de 16 anos e D. Leôncio, de 13 anos. Notamos nesse documento que a mobília era de origem francesa e que em sua maioria era constituída de matérias como jacarandá, angico ou amarrilo. O canapé é intitulado como sofá, mas as características são semelhantes e a função é a mesma.

Nesse inventário analisado, além do canapé também percebemos um grande número de cadeiras que somam ao todo 15 cadeiras. Cadeiras que em sua maioria estavam presentes na sala de visita. Essa grande quantidade nos faz perceber a vontade que os anfitriões tinham em receber os seus convidados e principalmente de passar uma boa impressão à sociedade. Essas cadeiras, assim como o canapé, também eram feitas de jacarandá ou palhinha.

O próximo objeto a ser analisado é a escarradeira. Este objeto também estava presente nas salas de visitas das famílias, mas vale salientar que sua presença era maior durante as primeiras décadas do século XIX, já que na segunda metade o mesmo começou a sumir das salas de visitas. A retirada das escarradeiras das salas se deve à mudança de hábitos da sociedade que, com o tempo, já não tinha uma enorme necessidade de escarrar. Determinado objeto ou desapareceu das maiorias dos lares ou apenas se "retirou" para cômodos mais privados, pois o costume de escarrar, junto com a escarradeira, deixou de ser um símbolo de prestigio e passou a ser um costume higiênico. Assim nos afirma Norbert Elias:

> Em 1859, "escarrar a todo momento é um habito repugnante". Apesar disso, e pelo menos nas residências, a escarradeira como utensílio para controlar esse hábito, de acordo com o padrão em evolução de delicadeza, ainda conserva grande importância no século XIX. Cabanes, em 1910, 1embra-nos que, tal como outros utensílios *(ct.* Exemplo L), e1e evo1uiu 1entamente, passando de objeto de prestígio para utensílio privado. Aos poucos, também, esse utensílio tona-se dispensável. Em grandes segmentos da sociedade ocidental, ate mesmo a necessidade de escarrar ocasionalmente parece ter desaparecido de todo. Um padrão de delicadeza e moderação semelhante ao que Della Casa conhecia apenas da leitura de escritores antigos tempo em que "povos inteiros... viveram com tanta moderação. .. e se conduziram com tanto decoro que escarrar tornou-se inteiramente dispensável para eles" (Exemplo F), fora mais uma vez atingido[23].

O hábito de escarrar foi sendo modificado no Ocidente durante o tempo. Durante a Idade Média era um costume, ou melhor, era uma necessidade escarrar com frequência. A única restrição ou controle estabelecido durante a Idade Média era que não escarrasse por cima ou em cima da mesa. No período pós-Idade Média o controle sobre determinado costume torna-se maior, pois começa a exigir que após a escarrada se pise no esputo ou então utilize um lenço para absorvê-lo.

23 ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar ed. , 1994. P. 159.

No século XIX, como foi dito, o hábito de escarrar com frequência se torna repugnante se efetuado em público. Aos poucos percebemos que, com o passar do tempo os manuais de etiquetas dos países europeus vão ficando mais rigorosos e tentam controlar o costume de escarrar. Um controle que se dá através da sociogênese e da psicogênese, pois a restrição a esse hábito acontece por medo de serem discriminadas por outras pessoas ou em muitas vezes por um controle interno existente:

> Tabus e restrições de vários tipos acompanham a expectoração de catarro, como de outras funções corporais, em muitas sociedades, tanto "primitivas" como "civilizadas". o que as distingue é o fato de que, nas primeiras, eles são sempre mantidos por medo de outras pessoas, ou seres, mesmo que imaginários - isto e, por controles externos - ao passo que, nas ultimas, são· transformados mais ou menos completamente em controles internos. As tendências proibidas (por exemplo, a tendência para escarrar) desaparecem em parte da consciência, sob pressão desse controle interno, ou, como poderia ser também chamado, do superego e do "habito de previsão". o que sobra na consciência como motivação da ansiedade e alguma consideração de longo prazo. Assim, em nossa época o medo de escarrar, e os sentimentos de vergonha e repugnância nos quais isto se expressa, concentram-se na ideia mais precisamente definida e logicamente compreensível de certas doenças e suas "causas", e não em tomo da imagem de influencias mágicas, deuses, espíritos, ou demônios. Mas a serie de exemplos mostra também com grande c1areza que a compreensão racional das origens de certas doenças, do perigo do esputo como transmissor, não e a causa primaria do medo e da repugnância nem a mola propulsora da civilização, a força por trás das mudanças no comportamento no tocante ao hábito de escarrar[24]

Analisando a escarradeira, notamos a introdução de um objeto nas famílias fortalezenses do século XIX. Um objeto que em sua maioria era de origem inglesa e que demonstra muito bem a sofisticação até em um simples hábito de escarrar.

Tentando seguir os costumes encontrados nos manuais de etiquetas europeus, a sociedade de Fortaleza também faz uso desse determinado objeto importado para se inserir nos modos civilizatórios do velho mundo. A presença desse artefato nas salas de visita é comprovada nos museus e também em alguns leilões da época:

> Constando de sofás, cadeiras, consolos cobertos de mármore, mesa de meio de sala coberta de mármore, espelho grande, relógios, espelho grande, relógios, tapetes, escarradeiras, cômoda, banca de escrever, cadeira de dormir, mesa de jantar, aparadores, guarda-louça, machina de costura e outros objectos de uso de casa.[25]

Os oratórios particulares presentes na maioria das casas eram um dos principais emblemas religiosos presentes nas salas de visitas. Este móvel sacro ocupava um local de destaque na sala de visita, mas também era comum estar presente em locais mais reservados como os quartos. Nesses oratórios estavam presentes eventuais relíquias e alguns santos de devoção do proprietário da casa.

24 Op. Cit. p.160.
25 O Cearense Anno XXIII. 15 de julho de 1869 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

A utilização de oratórios remonta ao período colonial. Era uma tendência de construir recantos particulares de oração. Em muitos casos através desses oratórios as salas de visita eram utilizadas como um espaço de realização de orações e culto ao sagrado. Esses espaços de sociabilidade eram realizados pelos anfitriões com seus convidados durante o período colonial, ou seja, quando não se encontravam capelas. Assim nos mostra Antonio Otaviano Vieira Júnior: “Estas imagens poderiam compor a mobília das ricas casas em especial a sala dessas residências que, na ausência de capelas, serviam como lugar de oração e culto ao sagrado”[26].

Embora os oratórios remontassem ao período colonial, durante a segunda metade do século XIX ainda se encontravam como lugar de destaque nas salas das famílias. Os oratórios demonstravam uma apropriação familiar de ritos religiosos, na medida em que o controle e a prática devocional estavam diretamente vinculadas ao lar. Os santos cultuados estão ligados de certa maneira aos moradores da casa e fruto das promessas que seus proprietários fazem de forma direta a estes santos. Percebemos as características específicas, os valores e a composição de oratórios em alguns inventários analisados:

> declarou o inventariante existir: um guarda roupa avaliado pelos avaliadores em cem mil reis, que sai a margem 100:000. Um oratório com imagens avaliado, digo, imagens estimadas pelos avaliadores em oitocentos mil reis, com o que sai a margem 800:000.[27]
> Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de jedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000. [28]
> Declarou mais haver ficado uma cadeirinha estragada que foi avaliada por quinse mil reis que vai fora 15:000. Declarou mais haver ficado um santuário com duas imagens avaliado tudo por trinta mil reis que vai fora 30:000.[29]

O consumo de objetos, durante o período estudado, aparece como instrumento legitimador das posições sociais, ou seja, o simples hábito de obter um objeto importado lhe garantia uma diferenciação social na medida em que inseria determinado consumidor em uma classe mais abastada da sociedade. Se durante o período colonial eram os objetos imateriais, como os títulos nobiliárquicos, que davam um maior status social agora esse determinado respaldo social se daria através do consumo de objetos e materiais importados.

A aquisição de bens importados numa sociedade que há pouco tempo derrubou o império e aos poucos vai se legitimando o fim do trabalho escravo, vem com a intenção de superação do passado colonial que se quer esquecer a qualquer custo, por mais que várias características ainda se

26 VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Hucitex, 2004. P. 80.
27 Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Visconde e Viscondesa de Cahype. Fortaleza, 1877.
28 Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877
29 Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário do Barão de Santo Amaro Fortaleza, 1877.

encontrem presentes em outras esferas. Esse consumo aparece como condição primordial para o abandono dos antigos padrões em favor do consumo de gêneros estrangeiros, que vão de formas arquitetônicas até alimentos, para que lhe conferisse um "estilo de vida" e um status necessário.

Os artefatos das salas de visitas analisados até o presente momento faziam parte de objetos que davam uma diferenciação social, pois além de representarem um poder aquisitivo dos consumidores ainda lhe davam um estilo de vida marcado pela diferenciação social. Com o passar do tempo a elite brasileira achou necessário a criação de outros mecanismos que também representassem essa diferenciação social. Uma dessas formas estabelecidas foi através da cultura.

A diferenciação por meio da cultura se dava na compra de quadros artísticos, livros, espetáculos musicais que se configuravam em produtos de luxo, etc. Para se desfrutar de determinados objetos culturais era preciso, além de um poder aquisitivo, ter um "gosto apurado". É a partir desses gostos culturais que a elite começa a se educar para ter um "gosto diferenciado" e que agora se estabelecia uma diferença entre os "educados" e os leigos, capazes de comprar, mas não de usufruir da arte. É nesse contexto que se insere o próximo objeto a ser analisado, o piano, pois este artefato além de possuir poder simbólico diferenciador pelo seu preço também vai estabelecer uma diferenciação social através da cultura.

Os pianos reinavam nas salas de visitas das mais elegantes famílias brasileiras, principalmente nas últimas décadas do século XIX. Esse objeto era símbolo de distinção social e também representava bom gosto artístico das famílias. Ele estava instalado nas salas de visitas, pois era um local de sociabilidade e onde era permitido o acesso de convidados para ouvir o suntuoso artefato com requintes europeus. Além de possuí-lo era necessário saber usar e apreciar esse objeto que também era um instrumento musical.

A presença dos pianos é percebida nos inventários analisados. Percebemos que na maioria dos inventários eles vão estar presentes. Chegam até mesmo a serem encontrados dois pianos em uma única residência:

> MÓVEIS: declarou o inventariante existir: um guarda roupa avaliado pelos avaliadores em cem mil reis, que sai a margem 100:000. Um oratório com imagens avaliado, digo, imagens estimadas pelos avaliadores em oitocentos mil reis, com o que sai a margem 800:000. Um cofre de ferro avaliado em seiscentos e ciquenta mil reis, que sai a margem 650:000. Um armário para livros avaliado em vinte e cinco mil reis, que sai a margem 25:000. Uma costureira avaliada em dês mil reis, que sai a margem 10:000. Dois espelhos grandes avaliados em vinte cinco mil reis, importando em ciquenta mil reis, que sai a margem 50:000. Um piano avaliado pelos avaliadores em trezentos mil reis, que sai a margem 300:000. Um cofre para jóias avaliados em duzentos mil reis, que sai a margem 200:000.[30]

30 Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Visconde e Viscondesa de Cahype. Fortaleza, 1877.

Esses móveis declarados acima pertencem ao inventário do Visconde e Vicondesa do Cahype. Nesse inventário além de localizarmos um piano de trezentos mil reis também percebemos um armário específico para livro, ou seja, outro objeto que guarda artefatos de distinção social através da cultura.

Outro inventário que também é declarado um piano entre os móveis é o do Antônio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, filho e nora do Barão de Santo Amaro. A principal curiosidade desse inventário é que os inventariados possuíam uma cadeira específica para se sentar e tocar piano (cadeira para piano):

> MÓVEIS: uma mobília francesa composta de desoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois conçollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e ciquenta mil reis que vai a margem 150.000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000.
> Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinqüenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por dusentos mil reis que sai a margem 200.000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000.[31]

Nos anúncios dos periódicos da época em estudo também era muito comum oferta de pianos. A venda era realizada através de transações particulares, na qual o interessado se dirigia à residência de quem estava ofertando o artefato. Assim nos mostra o seguinte anúncio do jornal O Cearense:

> PAG 4 – ANNUNCIOS.
> Quem achar um relógio de prata galvanisado meio chonometro, que marca horas, dias, minutos e segundos; a entregar a Manoel Vieira Bastos será recompensado. Vende-se um piano em bom estado por preço rasoavel, quem pretende-o dirija-se à caza de João Monteiro da Silva Zinha, no garrote.[32]

Os relógios de caixa alta figuravam nas salas de visita ou nas salas de jantar dos sobrados. Durante o período em foco existiam dois tipos de relógio em coluna: o inglês de caixa alta e lisa, geralmente sem decorações, e o Francês com caixa arredondada e ricamente decorada com frisos de bronze. A caixa inicialmente serviu para proteger os pesos, mas depois se tornou um elemento de decoração. O termo “relógio de caixa alta” foi utilizado desde o século XVII para indicar os relógios de pêndulo, com caixa comprida e estreita que se apoiava no chão.

---

31 Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.
32 O Cearense Anno XVIII. 1 de março de 1864 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

Esse objeto de precisão tinha caráter funcional e decorativo. Decorativo pelo seu estilo neoclássico tardio confeccionado com inspiração e estrutura das caixas de relógios francês e inglês do século XIX. O caráter funcional é adquirido pela necessidade que a sociedade tinha de querer sempre estar ciente dos horários da forma mais precisa possível, tanto para a utilização desse tempo para o trabalho como também pelas regras de etiquetas que não permitiam atrasos em espaços de sociabilidades.

Percebemos a presença de vários tipos de relógios durante a segunda metade do século XIX. Relógios de parede com caixa de madeira, relógios de mesa e relógio de caixa alta estavam figurando as casas desse período. A partir disso notamos um controle do horário presente em todo o cotidiano da sociedade fortalezense. A venda desse artefato era comum em anúncios que destacavam os leilões:

> PAG 4 – ANNUNCIOS
> O abaixo assinado declara que pessoa alguma faça negocio com os bens que deixou seu finado pai e para que ninguém se chame ao engano faz esta declaração. Os bens são os seguintes: 2 escravas, 1 cama de jacarandá, 2 bancas de sala, 1 commoda, 2 mesas de jantar, 1 relogio grande, 2 armarios, 1 oratorio com santos, 1 mesa do dito, 1 cordão grosso de ouro, aparelhos de ouro, 2 castições de prata, copos finos, facas finas, 1 sofá, caeiras, lanternas de vidro, aparelhos de louça fina, bahús para roupa e muitos trastes de casa. [33]

Portanto, além desses seis objetos analisados nesse tópico, as salas de visita da segunda metade do século XIX possuíam vários outros objetos. Os seis objetos analisados aqui são os mais encontrados nos inventários do período estudado, por isso o grande foco dados a eles. Mas ainda verificamos outros tipos de objetos em algumas salas: cabides que ficavam na entrada da casa e eram utilizados para colocar bengalas e chapéus dos visitantes, consolos onde eram apoiados jarros ou qualquer outro artefato que demonstrasse luxo, serpentinas com mangas e pingentes de cristal que eram responsáveis por iluminar as salas das residências, mesas de centro com pés torneados, as mesas de canto, o bufete fidalgo e as cortinas de linho. Esses diversos objetos eram comprados através de leilões e a partir de relações comercias entre as famílias abastadas e as firmas estrangeiras que se instalaram no Ceará no período em foco. A maneira como era realizada as transações comercias desses produtos é o assunto que vamos debater no último tópico.

[33] O Cearense Anno XXII. 8 de janeiro de 1868 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

"O Cosumo de Uma Cultura": Anúncios e Leilões de Artefatos Domésticos

Nesse ultimo tópico, o objetivo é analisar como era feito o consumo de objetos domésticos estrangeiros, principalmente referentes à sala de visita. Analisaremos as relações comerciais das famílias com as casas comerciais, em especial a Boris Frères[34], as compras de objetos realizadas através de anúncios de jornais e a obtenção de objetos realizados através de leilões.

Além dos inventários, analisados no tópico anterior, também existem os anúncios de jornais que nos permitem fazer uma análise de como era realizado o comércio desses produtos estrangeiros com a sociedade fortalezense. Utilizando essa fonte podemos saber quais objetos estavam sendo mais ofertados durante o período e como era feito esse comércio. Pelos periódicos podemos inferir as transformações no cotidiano da população à medida que esses jornais começaram a publicar anúncios de mobiliário, joias, roupas finas, livros e equipamentos diversos.

Os dois periódicos trabalhados nesse artigo são: O Cearense e O Diário. O primeiro jornal trata-se de um órgão do Partido Liberal publicado em Fortaleza. A partir de 4 de outubro de 1846, saiu da imprensa nacional de Barbosa, da tipografia Brasileira de Paiva & Cia, das de Francisco Luís Vasconcelos e de João Evangelista e, finalmente da sua própria. Foram seus fundadores e primeiros redatores: Frederico Pamplona, Tristão Araripe (Conselheiro) e Thomas Pompeu (Senador). Entre os redatores do Cearense figuram também Miguel Ayres, João Brígido, Dr. José Pompeu, Conselheiro Rodrigues Junior e Dr. Paula Pessoa. Foi gerente por longo tempo João Câmara, que dele se passou com parte do pessoal da redação para a Gazeta do Norte, por ocasião da cisão do Partido Liberal Cearense, em 1880. Algum tempo após a proclamação da República, até 25 de fevereiro de 1891, foi publicado com o título de "Orgão Democrático". Desapareceu por ocasião da queda de José Clarindo de Queiroz. O segundo foi publicado em Fortaleza a 16 de maio. Os redatores eram: Adolfo Caminha e R. De Oliveira e Silva. Redação à rua formosa n. 88. O último número é o 59, de 4 de agosto de 1892.

Analisando esses dois periódicos cearenses da época, notamos que esse comércio era realizado através de casas comerciais ou armazéns que já possuíam clientes fixos, portanto à medida que iam chegando produtos da Europa, através dos vapores, os donos dessas firmas colocavam anúncios nos jornais para avisar à população interessada. Um bom exemplo eram os anúncios do periódico "O Cearense", onde na maioria das vezes apareciam vendas de produtos importados:

[34] Salientamos aqui a importância dessa casa comercial para o desenvolvimento do comércio cearense, pois ela era responsável por transações comerciais da capital cearense com países europeus e norte-americanos, ela importava muitos artigos de luxo franceses como também exportava matéria-prima do estado do Ceará. Além desse comércio com outros países, essa casa comercial realizava o comércio com atacadistas do interior cearense (TAKEYA, 1995).

> O armasem de Fortunato Vianna continua a receber da Europa em todos os vapores, os seguintes gêneros de melhor qualidade que vem a este mercado como sejam: presuntos ingleses encapados, latas com linguiças, latas com peixe, latas com salmon, latas com lombo de porco, latas com azeitonas, latas com marmellada, chocolate em pó, vinho do porto engarrafado, vinho de Bordeaux muito bom, vinho de Lisboa, caixas com ameixas, louça de todas as qualidades, queijos flamengos muito frescos, cadeiras inglesas. Continua também a receber de Pernambuco carne do rio grande do sul e açúcar refinado de primeira qualidade. E tudo vende mais barato do que em oura qualquer parte, e se duvidam venham ver![35]

Esses anúncios de venda de produtos fazem perceber que era realizado tanto comércio de mobílias estrangeiras como também de alimentos e além de ter um comércio com o exterior, o estado do Ceará também realizava comércio com outros estados do Brasil. Portanto, os periódicos eram uma ligação desses estabelecimentos com a população, pois eram os responsáveis por transmitir e divulgar a cultura e os modos utilizados nos países europeus e também de anunciar os objetos estrangeiros que estavam à venda.

As casas comerciais além de anunciarem seus produtos nos periódicos também possuíam um jeito específico de realizar suas vendas. Essas "firmas estrangeiras", em especial a Boris Frères, enviava listas de preços e amostras aos comerciantes. Aceita por estes a oferta, e feita a compra, a Casa emitia a fatura e a letra corespondente, enviando-as aos comerciantes, contando a partir daí o prazo para vencimento da letra. As mercadorias, devido às péssimas condições de transporte, chegava com grande atraso, o que dificultava o acúmulo de um saldo com o qual se pudesse pagar a divida. Estrategicamente as Casas comerciais quando enviavam as mercadorias solicitadas também colocavam novas ofertas com amostras de preços[36].

Era muito comum aos compradores fazerem o pagamento de mercadorias estrangeiras com matérias primas, ou seja, os comerciantes do Ceará pagavam suas dividas e mercadorias com algodão, cera de carnaúba, penas de ema, couros, borracha e jaborandi. Outra estratégia comercial utilizada pelas casas comerciais era enviar mercadorias extras junto com as que foram solicitadas, devido ao longo processo de transporte das mercadorias os compradores acabavam ficando com essas mercadorias extras.

Além da Boris Frères também existam várias outras casas comerciais. Em sua maioria estava presente na rua formosa, localizada no centro da cidade de Fortaleza. Assim nos mostra o seguinte anúncio do Jornal O Diário:

> Manifesto do hyate deus te guarde, entrado no dia 23 do corrente: Boris Frères, 50 caixões com dynamite e 50 ditos com espoletas. Leite, Oliveira & Cª, 12 fardos com xarque. Mota filho & Cª, 30 ditos com xarque e 1370 saccas com farinha. Alfredo J. Avelino, 50 ditas com farinha Lima & Oliveira, 100 ditas com farinha Lima & Oliveira

[35] O Cearense. Anno XIX. Nº1802. 18 de março de 1865. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.
[36] Ver TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: Origens do capital estrangeiro no Brasil. NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

> 100 ditas com farinha e 100 ditas com milho. J. Antonio de Souza, 500 saccas com farinha. Narciso Cunha, Primos & Cª , 20 barricas com assucar . Carneiro Cavalcante & Cª, 21 ditas co assucar. Menescal, Campos & Cª, 5 ditas com assucar. Barbosa Filho & Irmão, 20 ditas com assucar. Cruz & Irmão, 20 ditas com assucar. Antonio Brues Italisno, 43 ditas com assucar e 10 caixas com sabão. João C. Bastos, 40 ditas com assucar. Simões Irmão & Cª, 50 ditas com assucar. Menescal Campos & Cª, 24 ancoretas com vinho e 12 ditas co vinagre. Simões Irmão & Cª , 24 ditas com vinho.[37]

O consumo de objetos domésticos também era realizado a partir de leilões, esses tiveram um aumento durante a década de 1890, ocorrendo preferencialmente a partir do meio-dia. Esses objetos obtidos em leilões eram consumidos quando os donos desses se desfaziam dos objetos, devido a vários motivos que na maioria das vezes eram causados por mudanças de famílias para a Europa[38]. Através desses leilões podemos perceber os motivos que levavam a inúmeras famílias deixarem a província e os objetos que eram utilizados por essas famílias mais ricas. Um bom exemplo era em vários anúncios de leilões encontrados nas páginas do jornal "O Cearense":

> Manoel José Salgado Couto, não tendo podido concluir a venda de sua mobília no leilão de 16 e 17 do corrente de novo fará quinta-feira 21 do corrente, as 10 horas do dia que constara de 2 sofás, cadeiras de jacarandá, uma cama de ferro, um guarda vestidos, um pianno quase novo, um dito usado, porém em bom estado, duas banquinhas de jacarandá, garrafões vazios, um selim inglez novo, uma machina para costura, vinho do porto e diversas qualidades resto de dispensa, cerveja. Diversas obras de prata e ouro, uma caixa de drogas, uma prensa para caju e ouros muitos objectos que serão presentes aos compradores. No fim do leilão haverá queijo loudrino. [39]
> Terça-feira 27 do corrente as 11 horas, no estabelecimento de Fonseca & irmão, de uma nova e excellente mobília, constando de cadeiras, sofás, commodas, cama, 3 guardas roupas, lavatórios, bancas etc. 2 pianos e 1 machina de costura. Na mesma ocasião se venderão também uma porção de caixas de batatas e cebollas chegadas ultimamente no vapor inglez em folha, charutos e outros gêneros de estiva. [40]

Portanto, verificamos as diversas formas com que a sociedade cearense fazia o consumo de produtos e objetos domésticos estrangeiros. Analisamos a importância das casas comerciais estrangeiras, dos leilões, dos anúncios dos periódicos e dos inventários em relação ao comércio e a identificação da mobília que estava presente não só na sala de visita, mas em toda a residência da sociedade fortalezense.

37 O Diário. Anno I. 25 de Maio de 1892. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.
38 CAMPOS, Eduardo. Capítulos de história da Fortaleza do séc. XIX. (O Social e o Urbano). Fortaleza, Edições UFC (PROED), 1985.
39 O Cearense. Anno XX. Nº 1985 A 2122, 21 e junho de 1866. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.
40 O cearense. Anno XXI. Nº 2412 a 2534, 27 de agosto de 1867. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cruzamento entre a historiografia e as fontes trabalhadas nos possibilitou perceber como a sociedade fortalezense se inseriu no processo civilizador capitalista, e como foi realizada a apropriação dos objetos domésticos importados para o cotidiano local. As famílias abastadas, portanto, se utilizaram dos objetos da sala de visita para se inserirem no processo civilizador e se distinguirem das demais camadas sócias.

FONTES

1. Períodicos
1.1 Jornais

- O CEARENSE (1864, 1866,1867, 1868, 1869,1870, 1879, 1885, 1890)
- O DIÁRIO (1892)

2. Inventários

- Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.
- Inventario de José Luis Machado, Fortaleza. 1916.
- Inventário de Visconde e Viscondesa de Cahype. Fortaleza, 1877.
- Inventário do Barão de Santo Amaro Fortaleza, 1877.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Mobiliário e utensílios domésticos dos lares campineiros (1850-1900).** Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAUDEL, Fernand. In: **Civilização Material , economia e capitalismo séculos XV-XVIII.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza, ABC, 1999.

CAMPO, Eduardo. **Capítulos de história da Fortaleza do séc. XIX**. (O Social e o Urbano). Fortaleza, Edições UFC (PROED), 1985.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar ed.,1994.

FREIRE. Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Tabooks, 2001.

HALL, Catherine, Swett home. In: PERROT, Michelle. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. (V.4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra).

HEINZ, Flávio. In: **Por outra história das elites.** Rio de janeiro: Editora FGV, 2006.

HILBERT, Klaus. **Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras.** In: Revista Métis: história & cultura. Vol.8. nº 16, p. 11-25, jul./dez. 2009.

MOTA, Lourenço Dantas (organizador). **Introdução ao Brasil**. Um banquete no trópico. 3º Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

NOBRE. Geraldo da Silva. **Associação Comercial do Ceará**. Ceará. Ed. Stylus, 1991.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoque** –reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fudação Demócrito Rocha/Editora Ltda., 1993.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público. As tiranias da intimidade**. 5. Reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará**: Origens do capital estrangeiro no Brasil. NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Hucitex, 2004.